

## **Programa Metrópolis: representante do Jornalismo Cultural na Televisão Brasileira**

*Bruna Vieira Guimarães*<sup>1</sup>

Universidade Metodista de São Paulo – UMESP

### **Resumo**

Este artigo aborda a temática do Jornalismo Cultural na Televisão Brasileira, tendo como enfoque o Programa Metrópolis, único programa jornalístico cultural que há 22 anos está no ar, cinco dias na semana, na TV Cultura. A base teórica do artigo une três correntes comunicacionais que se dialogam: o Estruturalismo de Levi-Strauss, a Semiologia de Roland Barthes e a Teoria da Informação de Décio Pignatari, que considera numa mensagem, os elementos verbais e não verbais, os discursos, os cortes, os ruídos, as redundâncias e as informações, as quais foram aplicadas na análise de uma edição do Programa Metrópolis. Por meio da revisão de literatura, a autora contextualizou os programas culturais atuais na televisão brasileira, assim como foi resgatado o histórico da TV Cultura e, conseqüentemente, do Metrópolis. Em seguida foi feita uma análise -quantitativa e qualitativa- do Programa Metrópolis veiculado no dia 9 de julho de 2010, agregada a entrevista semi-estruturada feita com um diretor do mesmo. Nas conclusões, constata-se que a edição analisada do Programa centrou mais em notícias culturais massivas e eruditas, além de mesclar cultura com o entretenimento, formato comum em programas do mesmo gênero, em outros canais brasileiros.

**Palavras chaves:** Cultura, Jornalismo Cultural, Televisão, TV Cultura, Programa Metrópolis.

### **1. Introdução**

O jornalismo cultural na televisão brasileira, assim como outros formatos de jornalismo especializado ocupa cada vez menos tempo na grade da programação dos canais televisivos abertos - exceção de alguns canais pagos descritos adiante<sup>2</sup>.

Notícias culturais são entendidas neste artigo como aquelas que remetem as manifestações artísticas de cunho erudito, massivo e popular, como música, literatura, pintura, escultura, dança, cinema, moda, fotografia, artes plásticas, teatro, exposições e afins.

Tais notícias culturais estão presentes predominantemente no Programa Metrópolis, objeto de estudo deste artigo, que se caracteriza como o único telejornal brasileiro especializado em Cultura, há 22 anos no ar. Atualmente o programa é veiculado de segunda a sexta-feira, entre 21h30 e 22h00, na TV Cultura, a televisão pública do Estado de São Paulo

---

<sup>1</sup> Bruna Vieira Guimarães é mestre e doutoranda em Comunicação Social pela UMESP. Jornalista pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). De 2002 a 2007 foi repórter do jornal diário *Imprensa Livre* e prestou serviço de assessoria de imprensa do litoral norte paulista. E-mail: [brunajornalista@hotmail.com](mailto:brunajornalista@hotmail.com)

<sup>2</sup> Nos canais de televisão paga, “TV fechada”, há uma variedade de programas segmentados até mesmo na área cultural, com apresentação de concertos musicais, debates artísticos, reflexões e análises de obras literárias, artes plásticas e outros. Alguns desses canais são Globo News, Canal Futura, TV Brasil e outros.

que completou 40 anos em 16 de junho de 2009, e também é sintonizada em outros estados brasileiros, devido à tecnologia via satélite.

Como o próprio nome remete, a “TV Cultura” disponibiliza em sua programação<sup>3</sup> diversos programas de Arte e Cultura como: “Almanaque Brasil”, série que mostra, de maneira leve e divertida, cultura e história brasileiras; “Autor por Autor” traça perfis de grandes nomes da literatura; “Café Filosófico” promove encontros que debatem anseios e angústias dos indivíduos na sociedade contemporânea; “Cine Brasil” mostra o que há de melhor na produção e história cinematográfica brasileira; “Direções” promove o debate, a pesquisa e a experimentação de novas linguagens em teledramaturgia; “Entrelinhas” é dedicado aos livros e à literatura; “Especial Cultura” que aborda em profundidade temas relativos à realidade política e cultural do Brasil e do mundo; “Invenção do Contemporâneo” com palestras que estimulam e ampliam a reflexão sobre questões do mundo contemporâneo; “Letra Livre” promove encontros com escritores consagrados; “Provocações” interage com o potencial de análise e reflexão do telespectador; “Vitrine” revela o que está por trás das produções, redações, sets de cinema, palcos e agência de propaganda; e “Zoom” revista eletrônica sobre cinema que exhibe curtas-metragens, documentários e animações.

Programas televisivos com foco predominante no Jornalismo Cultural, veiculados em canais abertos<sup>4</sup> -comerciais, públicos e educativos-, além dos citados acima, são raros na grade de programação brasileira. Exceção das notícias de artes e cultura veiculadas nos principais telejornais de emissoras comerciais.

Há uma variedade de programas de Entretenimento que mesclam conteúdos culturais, a maioria privilegia o “jornalismo de celebridade” e não refletem à diversidade e complexidade da cultura brasileira. O objetivo desses programas é entreter e “prender” a atenção do telespectador tendo como foco a vida de pessoas públicas, contribuindo apenas para aumentar a audiência dos canais comerciais que objetivam o lucro.

Nos portais eletrônicos e sites das três principais Redes de Comunicação do país - Globo, Record e Bandeirantes-, consta a grade com os programas e outros produtos de “Entretenimento” não especificamente de “Cultura”.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/arte-e-cultura>. Acesso em 19.jul.2010.

<sup>4</sup> No Brasil, canais “abertos” de TV são disponíveis gratuitamente nas frequências VHF e UHF, sob concessões dadas pelo Governo Federal. A TV aberta foi implantada no país em 1950 sob o modelo comercial. Os canais públicos e educativos surgiram a partir de 1967 (LIMA, 2008, p.42). Já os canais “fechados” são aqueles pagos mensalmente para emitir o sinal de um grande número de canais. No Brasil, a TV paga se instalou a partir de 1989.

No portal G1<sup>5</sup> que reúne o conteúdo jornalístico do Conglomerado Globo, entre emissoras de televisão comercial, rádios, jornais, editora e afins, há programas e produtos de Entretenimento classificados nas categorias: famosos, música, cinema, teatro, games, culinária, moda & estilo, bem estar & saúde, que, por sua vez, se segmentam em subcategorias.

Além da Rede Globo de Televisão, principal emissora aberta da televisão brasileira, as Organizações Globo possuem canais fechados -pagos- como Canal Futura, GNT, Multishow, Universal Channel, Canal Brasil, Megapix, Globo Internacional, Globo News e outros que veiculam conteúdos culturais específicos, como veremos nos exemplos abaixo.

No portal R7<sup>6</sup>, que reúne o conteúdo jornalístico do Grupo Record que possui canais abertos de televisão, rádios, jornais e outros, há programas e produtos de Entretenimento classificados nas categorias: cinema, estrelando celebridade, estrelando estilo, estrelando séries, estrelando *teen*, jovem, moda e beleza, música, receitas e dietas, quiz e todas de entretenimento. Além da Rede Record de Televisão, emissora aberta, há também a Record Internacional, Record News e outros canais fechados que veiculam notícias de cunha cultural.

No portal eBand<sup>7</sup> do Grupo Bandeirantes de Comunicação, que reúne o conteúdo jornalístico das emissoras televisivas, rádios, jornais e afins, existem produtos de Entretenimento divididos em: vídeos, celebridades, gastronomia, infográficos e galerias de fotos. Há também os canais pagos BandNews, Band Internacional e outros com notícias culturais.

Os produtos e programas de Entretenimento nos três principais canais abertos na televisão brasileira, não se enquadram no objeto de estudo deste artigo que é o Jornalismo Cultural na Televisão. Nos canais pagos (fechados), a situação é diferente. Há uma variedade de programas predominantemente culturais, como por exemplo, “Starte<sup>8</sup>”, programa semanal veiculado no Globo News “sobre o universo da arte e da cultura, com um olhar revelador da verdadeira dimensão das inúmeras expressões artísticas”.

No Canal Futura<sup>9</sup>, da Fundação Roberto Marinho/Organizações Globo, há programas específicos de cunho educativo e cultural como: “Afinando a língua” que utiliza letras de músicas como ferramentas de ensino para questões ligadas à Literatura Brasileira e à Língua Portuguesa; “Cine Conhecimento” que busca a compreensão de comportamentos e diferenças

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://entretenimento.globo.com>. Acesso em 19.jul.2010.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/>. Acesso em 19.jul.2010.

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.band.com.br/entretenimento>. Acesso em 19.jul.2010.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0\\_JOR321-17665.00.html](http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0_JOR321-17665.00.html). Acesso em 19.jul.2010.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.futura.org.br>. Acesso em 19.jul.2010.

culturais a partir de contextos apresentados no filme. O programa aborda técnicas, detalhes de produção, história, curiosidades, premiações, perfil de profissionais e análise de linguagens; “Escritores em Primeiro Plano” destaca autores da literatura latino-americana e visa aumentar o conhecimento e despertar o interesse pela leitura das obras; “Mundo da Leitura” tem “contação” de histórias, brincadeiras, poesias e dicas culturais voltadas para o público infantil, com objetivo de incentivar leitores em múltiplas linguagens.

Na TV Brasil<sup>10</sup>, a emissora pública do país, consta programas específicos de Cultura, como: “Arte com Sérgio Britto”, “100% Brasil”, “Comentário Geral”, “Expedições” e “Revista do Cinema Brasileiro”. Há programas de Música como: “A grande Música”, “Alto Falante”, “Musicograma”, “Samba na Gamboa” e “Segue o Som”.

Este breve panorama da programação cultural televisiva, nos canais abertos, públicos, educativos e fechados, centra apenas canais brasileiros e não internacionais. A pretensão da autora foi simplesmente situar o Jornalismo Cultural e a TV Cultura, conseqüentemente o Programa Metrôpolis, objeto de estudo deste, no contexto da Televisão Brasileira.

A Metodologia adotada foi, primeiramente, a revisão de literatura, que segundo LUNA (1998), tem como objetivo “descrever o estado atual de uma área de pesquisa: o que se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontram os principais entraves teóricos e/ou metodológicos”. Também foi realizada uma entrevista semi-estruturada com Ernesto Hypolito, diretor de cena do Metrôpolis, que atua no Programa desde a sua criação em 04 de abril de 1988.

A autora realizou duas visitas à sede da TV Cultura/Fundação Padre Anchieta. Encontrou na hemeroteca cerca de 60 recortes de notícias publicadas sobre o Metrôpolis, nas duas últimas décadas, e também selecionou livros, apostilas e material impresso sobre TVs públicas e documentos históricos da TV Cultura.

Posteriormente, a autora decupou o Programa Metrôpolis veiculado no dia 09 de julho de 2010 e analisou-o quantitativa e qualitativamente, tendo como bases três correntes teóricas da comunicação social que se dialogam: o Estruturalismo do francês Levi-Strauss em “Mito e Significado”, a Semiologia estruturalista do também francês Roland Barthes em “A mensagem fotográfica” e a Teoria da Informação do brasileiro Décio Pignatari que traduziu obras do canadense Marshall McLuhan e publicou o ensaio “Informação, Linguagem e Comunicação”, textos utilizados neste artigo.

---

<sup>10</sup> A TV Brasil foi criada em 2007 e “veio atender à antiga aspiração da sociedade brasileira por uma televisão pública nacional, independente e democrática. Sua finalidade é complementar e ampliar a oferta de conteúdos, oferecendo uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania”. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/#programas>. Acesso em 19.jul.2010.

## 2. Estruturalismo, Semiologia e Teoria da Informação

Laan Mendes de Barros (1998), no artigo científico “Texto e Contexto”, confirma que no Estruturalismo:

A abordagem parte do “em torno” dos fenômenos da comunicação, do contexto sócio-cultural em que estão os fruidores, mas não se limita ao debate político. Investe na identidade dos processos de significação, na compreensão dos sentidos, procurando desvendar as estruturas sógnicas do contexto da recepção, as mediações existentes entre a mensagem e o receptor. Repete, assim, o exercício de decupagem característico da análise estrutural, o processo de desmontar e remontar a estrutura (BARROS, 1998, p.44).

Para este artigo, a autora fez a decupagem de uma edição do Programa Metrópolis, a fim de *desmontar e remontar* a estrutura da mensagem do mesmo. Considerando que no Estruturalismo o objeto central de análise é a mensagem. Nos estudos de recepção, que foi o objeto de pesquisa do artigo de Laan Mendes Barros, o foco é a estrutura das mediações.

No entanto, há dois tipos de análise da mensagem, a de Discurso e de Conteúdo. Na Análise de Conteúdo, busca-se “a compreensão do conteúdo de uma mensagem a partir da mensuração/quantificação de seus temas e unidades presentes na forma externa da mensagem (BARROS, 1998, p.45)”. Trabalha-se numa perspectiva estatística, nos conteúdos explícitos da mensagem, isolando no corpo do texto alguns elementos como palavras, personagens, frases, imagens, temas etc, denominados de unidades de análise.

Para a análise quantitativa de uma edição do Programa Metrópolis, a autora adotou sete unidades de análise: 1ª) Identificação do Emissor - jornalista, colaborador, correspondente, não assinada; 2ª) Gênero Jornalístico Informativo - nota simples, nota coberta, notícia, entrevista, reportagem; 3ª) Sistemas de Cultura - erudita, massiva, popular; 4ª) Temas - artes plásticas, cinema, dança, fotografia, moda, literatura/livros, teatro, televisão, exposições de arte, misto; 5ª) Tempo - passado, presente, futuro; 6ª) Origem Geográfica dos Temas - local, regional, nacional, internacional; 7ª) Origem da Produção - nacional, estrangeira, misto.

A autora deste artigo adaptou a classificação de unidades de análise feita por Mônica de Fátima Rodrigues Nunes (2003), que em sua dissertação de mestrado, analisou por uma semana as edições diárias do Metrópolis na TV Cultura e do Caderno Ilustrada no Jornal Folha de S. Paulo.

Ainda sobre a Análise de Conteúdo, o pesquisador Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2005, p.281-282) esclarece que o cerne da polêmica desta técnica de pesquisa, encontra-se no debate ideológico “para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

Já a Análise de Discurso considera uma visão mais integral dos fenômenos da comunicação. O foco da análise está na estrutura interna da mensagem, em seus *componentes implícitos*, na busca da sua essência. Tal definição é clarificada pelo pesquisador Eduardo Manhães (2005, p.305-306) que confirma: “a análise de discurso é, na verdade, a desconstrução do texto em discursos, ou seja, em vozes. A técnica consiste em desmontar para perceber como foi montado”. E completa: “Discurso é a apropriação da linguagem (código, formal, abstrato e impessoal) por um emissor”.

Referente aos *componentes implícitos* no discurso da edição analisada do Metrópolis, a autora identificou uso de palavras não coloquiais -“o cara” referindo-se “ao poeta”, ou “sacou” expressão jovial que quer dizer “entendeu”- usadas pela apresentadora como uma forma de aproximação com o público do programa, predominantemente formado por jovens e adultos paulistanos<sup>11</sup>. Outra característica analisada foi que em algumas informações noticiadas no programa, a apresentadora remetia ao blog do Metrópolis numa tentativa de interagir com o telespectador, levando-o a ter contato com conteúdos multimídias específicos. Outras análises serão descritas no capítulo seguinte.

Ao adotar a Corrente Teórica do Estruturalismo neste artigo, a autora entende que se faz imprescindível afirmar que foi Levi-Strauss que desenvolveu a proposta de pensar e fazer ciência tendo como base a “estrutura”, entendida como uma palavra originária do latim *structura*, derivada do verbo *struere*, construir e que designa simultaneamente: a) um conjunto, b) as partes deste conjunto, e c) as relações dessas partes entre si (BARROS, 1998, p.46).

Segundo Levi-Strauss (1989, p.21), há dois modos de se proceder em ciência: o modo *reducionista* que “reduz fenômenos muito complexos, num determinado nível, a fenômenos mais simples, noutros níveis” e o modo *estruturalista* “quando somos confrontados com fenômenos demasiado complexos para serem reduzidos a fenômenos de ordem inferior”. Portanto, o Estruturalismo estuda fenômenos complexos analisando suas relações internas e buscando compreender que tipo de sistema original forma o conjunto.

Além de definir o Estruturalismo, Strauss (1989, p.22) fez apontamentos sobre os fenômenos culturais –que integra em parte, o objeto de estudo deste artigo- afirmando que eles são muito mais complicados e exigem um maior número de variáveis. O pesquisador C. R.

---

<sup>11</sup> Em entrevista com Ernesto Hypolito, diretor de cena do Metrópolis, concedida à autora em 14.jul.2010, ele afirma: “O público do Metrópolis vai daquele que tem 14 a 15 anos, até 35 a 40 anos e pega uma boa faixa do pessoal mais velho também. O ibope mede SP, a capital. Especificamente no caso do Metrópolis, temos um público fiel. Temos uma geração que foi formada pelo Metrópolis. Agora temos site, temos twitter, temos estas [novas ferramentas de] comunicação. Mas não temos estrutura para fazer pesquisa [aprofundada]”.

Badcock (apud BARROS, 1998) fez um exame das ideias de Levi-Strauss a respeito da *cultura como linguagem*. Confrontando os conceitos de *cultura* e *natureza*, ele registra:

A natureza é considerada por Levi-Strauss como sendo tudo o que é comum a todos os homens e parte dos seus dotes hereditários, quer dizer, o que todos os homens manifestam independentemente da influência da sociedade e dos costumes. Por outro lado, a cultura é o contrário disso. É tudo o que não é comum, tudo o que *foi aprendido, tudo o que seja dependente da vida social e das suas normas coletivas*. Em outras palavras, o cultural é tudo o que é *contingente e arbitrário*; o natural é o necessário e o absoluto. [grifos meus]. (BARROS, 1998, p.51-52).

Tal reflexão sobre Cultura se assemelha ao conceito de Jornalismo Cultural entendido neste artigo, pois o objeto das notícias culturais são as “tradições, costumes, hábitos, demonstrações artísticas etc” que *foi aprendido pelo povo, tudo o que seja dependente da vida social –que remete troca entre as pessoas- e das suas normas coletivas*. Notícias culturais privilegiam as artes e as manifestações que são *contingentes e arbitrárias*.

Ao insistir na inserção da *linguagem no âmbito da cultura*, Levi-Strauss afirma:

A linguagem me parece ser um fato cultural por excelência, e isso por vários motivos: inicialmente, porque a literatura é uma parte da cultura, uma aptidão ou hábito que recebemos da tradição externa; em segundo lugar, porque a linguagem é o instrumento essencial, o meio privilegiado através do qual assinalamos a cultura de nosso grupo (STRAUSS apud BARROS, 1998, p.52).

Foi ainda Strauss (1989, p.25) que afirmou que a ciência moderna reincorpora uma grande quantidade de problemas anteriormente postos de parte. “Não concebo que possa vir um dia em que a ciência esteja completa e acabada. Haverá sempre novos problemas [...]. A ciência nunca nos dará todas as respostas”. E propõe: “O que podemos tentar fazer é aumentar, lentamente, o número e a qualidade das respostas que estamos capacitados para dar, e isto, segundo penso, apenas o conseguiremos através da ciência”.

Nesta perspectiva, este artigo científico propõe elucidar questionamentos frente ao único programa jornalístico da televisão brasileira, que há 22 anos aborda predominantemente a temática cultural. Mas que abordagem é esta? Quais tipos de cultura são privilegiados? Qual o formato deste programa? Que tipo de interação as notícias propõe aos receptores? Tais respostas estarão no capítulo seguinte, com a análise quantitativa e qualitativa das mensagens de uma edição do Programa Metrópolis.

A segunda Corrente Teórica adotada neste artigo tem origem na Semiologia do francês Roland Barthes (2007, p.323), que foi o primeiro a aplicar o método Estruturalista na análise literária. Ele destaca a presença dos elementos culturais no processo de significação.

No artigo “A mensagem fotográfica”, publicado originalmente em 1962, Roland Barthes lembra que assim como toda mensagem, a mensagem fotográfica contém três partes: emissão, canal e meio receptor. Ele exemplifica que a foto do jornal, deve ser indagada como manipulação de sistema e assim deve ser analisada.

Tendo como base o artigo citado, a autora substitui o termo “foto do jornal” para “imagem televisiva/cena do Metrópolis” para compreender melhor a linguagem audiovisual do programa. A foto, no caso deste artigo imagem televisiva, segundo Barthes (2007) funciona como montagem de dois sistemas: o fotográfico constituído por linhas, superfícies e tonalidade; e o sistema de texto constituído pelas palavras. No caso do Metrópolis, “o fotográfico das imagens” é constituído por movimentos, cores e som, e “as palavras” são contempladas nos textos da apresentadora, nas sonoridades e nas legendas de identificação dos entrevistados.

O sistema fotográfico pretende ser a pura transcrição do real, portanto analógica. Dentro desta abordagem, a foto também contém um *estilo*, e é por este que se introduz sua conotação ou segundo significado.

A fotografia de imprensa é uma mensagem. A totalidade dessa mensagem é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. A fonte emissora é a redação do jornal, o grupo de técnicos, dentre os quais uns batem a foto, outros a escolhem, a compõem, a tratam, e outros enfim a intitulam, preparam uma legenda para ela e a comentam. O meio receptor é o público que lê o jornal. E o canal de transmissão é o próprio jornal, ou mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes, de que a foto é o centro, mas de que os contornos são constituídos pelo texto, título, legenda, paginação, e, de maneira mais abstrata mas não menos “informante”, pelo próprio nome do jornal (BARTHES, 2007, p.325).

Ao aplicar a reflexão do parágrafo acima para o objeto de estudo deste artigo, o texto fica assim:

A imagem televisiva é uma mensagem. A totalidade dessa mensagem é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. A fonte emissora é o canal de televisão, o grupo de técnicos, dentre os quais uns fazem as filmagens/tomadas de cena de apresentação/edição das notícias, outros as escolhem, a compõem (inserir efeitos sonoros e visuais), a tratam, e outros enfim a intitulam (editam a notícia), preparam uma legenda (GC -gerador de caractere- identifica os entrevistados, dá crédito a quem produziu a notícia etc) e a comentam (apresentadora/crítico de arte etc). O meio receptor é o público que assiste ao programa televisivo. E o canal de transmissão é o próprio canal de televisão (TV Cultura), ou mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes, de que a imagem televisiva é o centro, mas de que os contornos são constituídos pelo texto, título, legenda, paginação (produção e edição), e, de maneira mais abstrata, mas não menos “informante”, pelo próprio nome do programa, no caso “Metrópolis” que já identifica do que se trata o programa, a Cultura na Metrópolis, na capital paulistana [texto da autora].

Para Barthes, a mensagem fotográfica é uma mensagem sem código e contínua. Além da fotografia, outras mensagens sem código são os desenhos, quadros, cinema, teatro. Ele afirma que:

A descrição de uma fotografia é literalmente impossível: porque *descrever* consiste exatamente em juntar à mensagem denotada um relê ou uma mensagem segunda, mergulhada num código que é a língua [...], descrever não é portanto apenas ser inexato ou incompleto, é mudar de estrutura, é significar outra coisa além do que se mostra (BARTHES, 2007, p.328).

No caso deste artigo, a autora busca *significar outra coisa além do que se mostra* no programa Metrópolis. Com a certeza de que as descrições do Metrópolis neste artigo serão “incompletas” no sentido de que as mensagens veiculadas no programa são passíveis de muitas interpretações.

De um lado, uma fotografia de imprensa [*imagem televisiva*] é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros tantos fatores de conotação; e, de outro, essa mesma fotografia [*imagem/cena*] não é apenas percebida, recebida, ela é lida, ligada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome a uma reserva tradicional de signos (BARTHES, 2007, p.325). [grifos da autora].

Para Barthes (2007, p.330-333), a comunicação pode ser entendida no campo da denotação - do real, da cena, do objeto etc; e no campo da conotação, que é o “segundo sentido” que a sociedade dá a uma mensagem. O autor exemplifica as técnicas utilizadas para dar o “segundo sentido” a mensagem fotográfica – adaptada a mensagem televisiva no caso deste artigo: trucagem (farsa, aproximação), pose (ângulos da foto refletem pureza, jovialidade, espiritualidade etc), objetos (que representam, dão sentido a foto), fotogenia (efeitos para representar o tempo-espço), esteticismo (maneira de ser/espiritualidade) e sintaxe (fotos seguidas mostram o contexto).

Na edição analisada do Metrópolis foi usada a maioria das técnicas citadas acima. As cenas receberam efeitos e resultaram numa imagem televisiva, quer esteticamente, quer ideologicamente, que remeteram à predominância de cultura erudita e massiva nas notícias veiculadas, em contrapartida às poucas notícias de cunho cultural popular.

O pesquisador francês Roland Barthes (2007, p.335) conclui o artigo “A Mensagem Fotográfica” confirmando que “os signos são gestos, atitudes, expressões, cores ou efeitos, dotados de certos sentidos em virtude do uso de uma certa sociedade [...]; a significação é, em suma, o movimento dialético que resolve a contradição entre o homem cultural e o homem natural”.

Os termos “signo”, “significação” e outros serão compreendidos a seguir, na terceira Corrente Teórica usada neste artigo, a Teoria da Informação. Para o pesquisador e poeta brasileiro Décio Pignatari:

Utilizamos a Teoria da Informação no seu significado abrangente, isto é, de modo a compreender também a comunicação, uma vez que não há informação fora de um sistema qualquer de sinais e fora de um veículo ou meio apito a transmitir esses sinais. Em consequência, a nossa ênfase recairá sobre os aspectos sintáticos, formais e estruturais, da organização e transmissão das mensagens (PIGNATARI, s/d, p.15).

Pignatari traduziu a principal obra de Marshall McLuhan (2001): “Os meios de comunicação como extensões de homem”. E como discípulo de McLuhan que afirmou que o *meio é a mensagem*, Pignatari considera que *não há informação fora de um veículo ou meio de comunicação que transmita sinais*. Numa aplicação da ideia de Pignatari para este artigo, ele diria que: *não há informação [notícias culturais] fora de um veículo ou meio de comunicação [a televisão] que transmiti sinais* por meio de um programa [o Metrópolis] que torna a informação [cultural] compreensível [grifos da autora].

Pignatari considera que o problema do veículo que transmite a mensagem não pode ser desligado do problema da organização da mensagem ou dos sinais dessa mensagem. “Nenhum sistema de comunicação está isento de possibilidade de erros. Todas as fontes de erros são agrupadas sob a mesma denominação de ruído ou distúrbio (PIGNATARI, s/d, p.22)”.

Por exemplo, se ocorre *ruído* ou *distúrbio* de som e imagem na transmissão dos sinais televisivos do programa Metrópolis, os telespectadores terão dificuldade de receber a mensagem com nitidez e de entender perfeitamente as informações noticiosas de cunho cultural. Portanto, se há *problema no veículo* [televisivo], haverá um conseqüente *problema na organização* [compreensão] *da mensagem*. Na edição analisado do Metrópolis, autora não encontrou indício de interferência como ruído ou distúrbio.

Para Pignatari, o problema da comunicação está na transmissão da mensagem, na relação do emissor com o receptor. E neste processo, há o meio [canal] de transmissão da mensagem, por meio de um “código” analógico e digital. Segundo ele, código “é um sistema de símbolos que, por convenção preestabelecida, se destina a representar e transmitir uma mensagem entre a fonte e o ponto de destino (PIGNATARI, s/d, p.23)”.

Uma mensagem pode manifestar-se em termos de quantidades analógicas ou digitais. A mensagem de natureza digital é constituída por dígitos ou unidades que se manifestem separadamente. E a mensagem analógica é contínua e menos precisa, como por exemplo, a

régua, o relógio, o gráfico (PIGNATARI, s/d, p.24). Os computadores, assim como a televisão, mesclam o sistema analógico com o digital.

Ao entrar na temática da Semiótica ou Teoria dos Signos, Décio Pignatari (s/d, p.27) explica a etimologia da palavra “signo”, que vem do latim *signum* e do grego *secnom*, raiz do verbo “cortar”, “extrair uma parte de”. Foi Charles Sanders Peirce, filósofo, lógico e matemático norte-americano o primeiro a tentar uma sistematização científica dos estudos dos signos.

Para Pierce, signo ou “representante” é toda coisa que substitui outra, representando-a para alguém, sob certos aspectos e em certa medida. Além da Semiótica norte-americana, há a corrente da Semiótica européia que se destaca nos estudos sobre signo e linguagem e que tem como representante o francês Roland Barthes [usado neste artigo], Edgar Morin, Ferdinand de Saussure, Umberto Eco e outros.

Na linha da Semiótica norte-americana de Pierce, adotada por Pignatari (s/d, p.30-31), classifica-se o “signo” em três partes: “ícone”, “índice” e “símbolo”. “Ícone” é quando o signo possui alguma semelhança ou analogia com o seu referente, como por exemplo, uma fotografia ou uma estátua. No caso do Metrópolis, o nome e o cenário do Programa é um “ícone” que remete a cultura da mega-capital-paulista, sede da TV Cultura.

“Índice ou índice” é quando o signo mantém uma relação direta com o seu referente, como por exemplo, um “chão molhado, indício de que choveu”. No caso do objeto de estudo deste artigo, algumas notícias sobre estréias de cinema veiculadas na edição analisada do Metrópolis, mesclou cultura com entretenimento, e isto propiciou uma compreensão de cultura cinematográfica “superficial”, não agregando informações complementares ao telespectador. As estréias de cinema poderiam ter sido comentadas por críticos especializados e não somente focar as fontes oficiais de divulgação dos mesmos.

“Símbolo” é quando a relação com o referente é arbitrária, convencional. Por exemplo, a palavra “televisão” escrita remete a certos fonemas e letras, já a palavra “televisão” falada remete a imagem de uma TV. No caso do Programa Metrópolis, este recurso do “símbolo” foi usado na reportagem sobre os 30 anos de morte do poeta Vinicius de Moraes. Diversas vezes a apresentadora Adriana Couto chamou Vinicius de Moraes de “poetinha”. Durante a reportagem, foi demonstrado o porquê de ele ser chamado “poetinha”, não no sentido pejorativo ou diminutivo, mas informando que ele foi um poeta “de bem com a vida”, “que veio de uma família bem estruturada e nem por isto tinha um ego elevado”, “que amava tanto as mulheres e por isto casou-se nove vezes”, e assim sucessivamente.

Após classificar o signo em relação às coisas que ele se refere (referente), Pignatari (s/d, p.32) conclui seu artigo explicando os três “níveis” dos signos: Sintático (relações formais dos signos entre si); Semântico (o significado, aquilo que consta no dicionário); e Pragmático (nível da conotação, o “segundo sentido”), que de certa forma, foram exemplificados neste artigo.

Retomando a Teoria da Informação, terceira corrente teórica usada neste artigo, que teve como principal expoente o canadense Marshall Mc Luhan (2001, p.34), a autora finaliza o capítulo com a seguinte frase:

O algodão e o petróleo, como o rádio e a televisão, tornam-se “tributos fixos” para a inteira vida psíquica da comunidade. É este fato que, permeando uma sociedade, lhe confere aquele peculiar sabor cultural. Cada produto que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos (MC LUHAN, 2001, p.37).

Já na década de 1960, Mc Luhan previa que a televisão se tornaria um *tributo fixo*, um bem de consumo indispensável para a *vida psíquica da comunidade*. O fato da televisão, *que molda [os valores de] uma sociedade*, ser o veículo de comunicação mais influente no mundo e no Brasil, país que possui mais de 90% de suas residências com aparelhos de TV, revela traços da cultura massiva atual, calcada em valores como o lucro, a audiência e o consumismo.

Para melhor compreensão da “estrutura” e das “mensagens” do Programa Metrópolis e, para que os exemplos citados até aqui fiquem claros e compreensíveis, a autora detalha abaixo a edição do programa que é objeto de estudo deste artigo.

### **3. TV Cultura e Programa Metrópolis**

Uma pequena descrição do sistema de gestão da TV Cultura se faz necessário para entender a origem e razão de ser do Programa Metrópolis. O livro que retrata os 40 anos desta emissora pública, educativa e estatal: “Uma história da TV Cultura”, foi escrito por Jorge da Cunha Lima (2008) que na década de 1990 presidiu a Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Cultura. A Fundação criada pelo Governo do Estado de São Paulo, “financeiramente depende dele [do governo], mas que deve possuir autonomia intelectual, administrativa e editorial (LIMA, 2008, p.15)”, assim explica o autor.

A bibliografia sobre a TV estatal de São Paulo e conseqüentemente de seus programas é escassa, como aponta Jorge da Cunha Lima (2008, p.15): “sobre a TV Cultura de São Paulo é quase inexistente [a bibliografia]. Realizaram-se algumas pesquisas, mas poucas foram

publicadas”. Segundo ele: “A maior parte do material que trata da TV Cultura são artigos, reportagens, críticas, entrevistas e resenhas de programação publicadas pela imprensa nestes quarenta anos de existência da Fundação (LIMA, 2008, p.15)”.

Tal afirmação foi comprovada pela autora deste artigo que, por duas vezes, visitou e pesquisou na hemeroteca e na biblioteca da TV Cultura. Ali encontrou cerca de 60 recortes de jornais referente ao Programa Metrópolis e alguns livros como “Jornalismo Público – Guia de princípios”, espécie de manual de redação da TV Cultura, compilado por Coelho Filho (2004), “O desafio da TV pública” de Beth Carmona (2003) e “Cultura 20 anos” retrata os primeiros 20 anos desta emissora, organizado pelos irmãos Galvão (1989).

Considerando a parca bibliografia sobre a TV Cultura, consta à dissertação de mestrado publicada em livro, “Atrás das Câmeras – Relações entre Cultura, Estado e Televisão”, do professor da Universidade de São Paulo, Laurindo Leal Filho (1988) que contextualizou e revelou percalços dos primeiros 20 anos de gerenciamento da TV estatal de São Paulo.

“A história da TV Cultura ressoa os principais problemas da televisão brasileira: cultura de elite e cultura popular, televisão e ensino, mensagem e negócio, liberalismo e populismo, democracia e autoritarismo”, como consta no prefácio escrito por Octavio Ianni, da obra de Leal Filho (1988). Não há citação do programa Metrópolis nesta obra, pois o programa foi criado em 1988, após o estudo que Laurindo realizou.

Na própria obra de Jorge Lima (2008, p.180-181), que engloba os 40 anos da emissora, há apenas fotografias da estréia e dos primeiros anos do Programa Metrópolis e um depoimento de Marcos Weinstock que atuou no programa. Portanto, a melhor descrição do Metrópolis encontra-se na página da internet do mesmo.

O Metrópolis, programa de cultura e entretenimento, vai ao ar ao vivo de segunda à sexta, depois do Jornal da Cultura, apresentado por Adriana Couto e Felipe Aukay e com a participação do repórter especial e comentarista de cinema, Cunha Jr.

“O Metrópolis já estreou em abril de 1988, como programa diário e ao vivo. Com atrações musicais e performances teatrais no estúdio, além de entradas ao vivo. Na época, o Metrópolis fechava a programação da TV Cultura, no final da noite, e às vezes avançava até a madrugada<sup>12</sup>”. Programa voltado para o estúdio, numa época em que não havia quase talk shows, TV a cabo, nem internet.

O conceito do Metrópolis de 1988 até hoje é o mesmo, mas o formato passou por grandes modificações. Hoje a matéria-prima do programa é a vida cultural

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/metropolis/sobre>. Acesso em: 19.jul.2010.

onde ela acontece. Teatro, cinema, livros, shows, comportamento, estilo e humor fazem parte do caldeirão de assuntos diários do programa, que tem a antena aberta à inovação, ao experimental e ao consagrado. Sem fronteiras, através do olhar dos nossos correspondentes (METRÓPOLIS, 2010).

As artes plásticas são temas constantes do Metrópolis e o cenário é outra atração, sempre assinado por alguns dos maiores nomes das artes visuais<sup>13</sup>. Ernesto Hypolito, diretor de cena que trabalha no Metrópolis desde a sua estréia, explicou como é feita a seleção dos temas das notícias:

A gente faz uma triagem e escolhe tendências, novidades, artistas, música, teatro, cinema, artes plásticas, escultura, dança, arquitetura, tudo isto da arte em geral. A gente procura atender ao mais variados gêneros possíveis de artes. [...] Temos uma equipe muito diversificada. Tem aquele que cuida de cinema, aquele de música erudita, aquele de música de rock. Cada um contribui com aquilo que lhe cabe. Vivemos cultura. A equipe vive cultura. [Ernesto Hypolito em entrevista à autora em 14.jul.2010].

Ernesto Hypolito também opinou sobre o Jornalismo Cultural na televisão brasileira:

Acho que antes existia mais jornalismo cultural do que hoje. Não outros programas. Os próprios telejornais das outras emissoras davam mais notícias de cultura. [...] Vamos priorizar a arte, a cultura, a educação e valorizar menos o crime. [...] Se considerar que o “arroz com o feijão” alimenta o estômago e que a “arte” alimenta a vida, a alma, sua educação, seu bem estar, a sua evolução. Isto é mais importante que o “arroz com feijão”. [...] Nosso papel está sendo feito. As pessoas que não querem assistir novela têm outra opção. [...] Cultura é um grande segmento. [...] Precisa querer mais cultura. Muda, como? Como a gente faz, a conta gotas. [Ernesto Hypolito em entrevista à autora em 14.jul.2010].

Passamos agora para a análise quantitativa e qualitativa da edição do Metrópolis exibida em 09 de julho de 2010. O programa teve a duração de 23’ minutos e 46” segundos já somado o tempo dos três intervalos comerciais (5’04”).

No primeiro bloco, a apresentadora Adriana Couto que comandou o programa sozinha nesta edição, mostrou a reportagem dos “30 anos sem Vinicius de Moraes” (com 4’05”), que apresentou uma pequena biografia do poeta e músico brasileiro. Foram usadas imagens de arquivo com o poeta (uso de fontes primárias), além de entrevista com amigos (fontes secundárias), resultando numa reportagem ampla.

---

<sup>13</sup> Depois do estúdio, as obras passam a fazer parte de um acervo do Metrópolis e compõem uma exposição itinerante que já ocupou espaços como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Centro Cultural da Justiça Eleitoral no Rio de Janeiro e o Museu Oscar Niemeyer de Curitiba. A partir de 2009, o programa também abriu espaço para os designers. Fazem parte da “Coleção Metrópolis de Arte Contemporânea” obras de Tomie Ohtake, Maria Bonomi, Flávio Shiró, Os Gêmeos, Luiz Sacilotto, Antonio Henrique Amaral, Luiz Paulo Baravelli, Romero Brito e Beatriz Milhazes, entre outros. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/metropolis/sobre>. Acesso em: 19.jul.2010.

Na análise proposta por Décio Pignatari (s/d), esta primeira reportagem apresentou *elementos verbais* transportados por meio de pesquisa sobre a produção artística do poeta, depoimentos do mesmo e de amigos, e comentários da apresentadora; *elementos não verbais* como música de autoria de Vinicius como pano de fundo da reportagem, efeitos sonoros, pausas entre uma ‘sonora’ e outra; *os discursos* foram diretos, em primeira pessoa com vídeo de Vinicius falando de si, e indiretos na terceira pessoa, com narração e comentários da apresentadora; *os cortes* de imagens e som ajudaram a delimitar as etapas da vida artística do poeta; a autora deste não percebeu *ruídos* e *redundâncias*, e as *informações* foram relevantes e contribuíram para a formação cultural dos telespectadores.

A segunda notícia apresentada foi: “Leonardo Di Caprio estréia novo filme” com 1’32”, seguida da nota coberta “Estréia ‘Almas à venda’ no cinema” com 1’04”. A notícia do filme “A Origem” estrelado por Leonardo Di Caprio foi lida e editada pela apresentadora Adriana Couto, somente com imagens e entrevistas disponibilizados pela divulgação do mesmo. Foram três entrevistas (sonoras) curtas com os atores envolvidos que descreveram vagamente o filme. Não acrescentou informações extras ao telespectador.

A nota coberta sobre o filme “Almas á venda” foi lida e comentada pelo repórter Cunha Junior, única matéria do Programa que não foi apresentada por Adriana Couto. Cunha Junior contextualiza o enredo do filme e nomeia quem o produziu, portanto não propiciou a “digestão” da informação para o telespectador que ficou com o desejo de “quero saber mais”. Na chamada desta nota, a apresentadora comentou: “Ontem faltou mostrar uma estréia bem curiosa no cinema”, o que reflete, de certa forma, o comprometimento da equipe do programa, em não decepcionar seu público fiel, que quer saber de todas as novidades do cinema.

Ainda no primeiro bloco, Adriana Couto leu seis notas simples que somaram 2’21”, sobre os seguintes assuntos: Festival de Arte Serrinha em Bragança Paulista/SP, Mostra Rock Tarantina(cine) na capital paulista, Mostra Audrey Básica(cine) no Rio de Janeiro, show com a cantora Maria Creuza em Brasília, peça teatral Alice através do espelho em São Paulo e show com o cantor Carlinhos Vergueiro, também em São Paulo, capital.

O “elo comum” das seis notas foi a gratuidade de todas as apresentações. A equipe do programa buscou ser heterogêneo na localidade das notas, mas os eventos na capital paulista sobressaíram. As notas lidas contavam com imagens das mostras, peças teatrais e cantores citados, mas se caracterizaram como “drops” informativos, privilegiando informações rápidas, básicas e objetivas, características da imprensa atual do tipo “jornais de minuto” ou “notícias do mundo em um minuto”.

No segundo bloco, uma nota coberta sobre moda: “Grifes lançadas em Paris e Berlim” com o tempo de 1’49”, a notícia do artista plástico “Evandro Carlos Jardim volta ao MASP depois de 30 anos” com 2’43” e, para finalizar, cinco notas simples que somaram 2’14”.

A primeira frase da apresentadora Adriana Couto no segundo bloco foi “Metrópolis de volta ao vivo”, ressaltando que o programa é gravado ao vivo. O programa também é exibido instantaneamente na internet, inovação esta que demonstra que o Metrópolis está aberta as novas linguagens e tecnologias de comunicação. A equipe do programa está inserida nas redes sociais como twitter e orkut, possui blog e disponibiliza vídeos e textos noticiosos em seu site. Trata-se de um programa televisivo de vanguarda, que enfatiza a liberdade de pauta e edição, aberto as novas tendências na área de arte e cultura.

A nota coberta sobre moda, lida pela apresentadora, mostrou desfiles em Paris, na França, e em Berlim, na Alemanha, com um texto criativo sobre as novas tendências. No entanto, a abordagem da nota caiu no “ clichê ” ao enfatizar que os desfiles foram badalados por artistas internacionais. Ao invés disso, a apresentadora poderia ter buscado informações extras ou entrevistado especialistas que mostrassem como esta tendência influenciaria a vida do telespectador. O ponto positivo foram os comentários da apresentadora quanto às cores, tecidos e modelos de roupas que deverão ser usados no próximo outono e inverno.

A notícia sobre a exposição do pintor Evandro Carlos Jardim no MASP teve como fonte apenas o curador da mesma, Luiz Armando Bagolin que explicou as características das obras do pintor, que também foi entrevistado. No entanto, a notícia focou apenas a exposição, com informações básicas sobre a vida artística do pintor e sua importância para as artes plásticas em São Paulo, onde mora e quiçá, no Brasil. Não houve diversidade *de elementos verbais e não verbais*, as fontes não foram muitas, não buscaram a opinião dos visitantes da exposição, por exemplo. As *informações* não foram completas e sim pontuais.

As notas simples, caracterizadas como “drops informativo”, apresentadas no final do segundo bloco também tiveram como “elo” à gratuidade de cinco exposições de arte, todas em São Paulo, entre elas: Viver na floresta, Antonio Saggese, Sandra Cinto, Peter Paul Rubens e Artistas Latinos. As notas foram lidas rapidamente, informando inclusive nas legendas das imagens, apenas o fundamental: quando, onde e o quê.

No terceiro último bloco do Metrópolis, foi apresentada por Adriana Couto, uma nota coberta com duração de 1’44”, referente ao concerto do violoncelista Antonio Menezes e da pianista Maria João Pires, ocorrida no Festival de Inverno de Campos do Jordão. Tal festival contou com uma cobertura especial da TV Cultura, portanto esta nota demonstrou que o programa usou este “material de gaveta” e a fim de convidar o telespectador para assistir o

concerto que iria ao ar, na íntegra, dali dois dias, na mesma emissora. Recurso comum na grade das emissoras comerciais brasileiras.

#### **4. Conclusão**

A análise quantitativa da edição do Metrópolis veiculado em 09 de julho de 2010 demonstra que das 17 informações noticiadas (matérias), apenas 03 foram assinadas por jornalistas e outras 14 não foram assinadas. Nesta edição não houve matérias de colaboradores, nem de correspondentes.

O gênero jornalístico informativo predominante foram as notas lidas pela apresentadora e cobertas com imagens, num total de 12, além de 02 notas simples (lidas, sem imagens), 02 notícias e 01 reportagem.

Matérias de cultura massiva somaram 14, entre estréias de cinema, exposições de arte e mostras de cine, além de duas matérias de cultura erudita (concerto de música e exposição de artes plástica) e apenas 01 de cultura popular (festival de Arte Serrinha).

Considerando que cada uma das 17 matérias analisadas, abordou mais de um tema cultural, esta edição do Metrópolis mostrou informações noticiadas sobre: artes plásticas (01), cinema (4), moda (2), literatura (1), teatro (1), exposições de arte (5), música (5) e misto (01). Além disso, apenas 01 matéria (sobre Vinicius de Moraes) se baseou no passado, sendo as demais feitas com informações atuais.

Da localidade das 17 matérias, 01 teve origem local (Bragança Paulista), 11 regionais (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília), 02 nacionais e 03 internacionais (moda e cinema). E, por fim, dentre a origem da produção, 15 matérias mostraram assuntos nacionais e 02 internacionais.

A conclusão que se chega após a análise de uma edição do único programa jornalístico da televisão brasileira, que há 22 anos aborda predominantemente a temática cultural, é que o Metrópolis do dia 09 de julho de 2010 privilegiou notas rápidas sobre eventos culturais, predominantemente nas capitais; contou apenas com uma reportagem bem feita e explicativa deixando um vazio, principalmente no caso deste programa segmentado que deveria aprofundar as pautas escolhidas; que a cultura massiva das estréias de filmes hollywoodianos ou dos desfiles de moda internacionais, pautas comuns nos telejornais comerciais, também são noticiados no Metrópolis sem abordagens novas; que o formato do programa dividido em três blocos, privilegia a quantidade de informações culturais com exatidão; que o programa propõe uma interação com os receptores por meio da linguagem de fácil compreensão e pelo uso de ferramentas multimídia.

Questionamentos propostos por Laan Mendes Barros (1998), no artigo usado no início deste trabalho, são agora respondidos. “*Qual é essa mensagem centro das atenções?*” (BARROS, 1998, p.46)” No caso da edição analisada do Metrópolis foi à predominância temática de filmes que estão em cartaz no cinema e de exposições de artes e outras, gratuitas, tendo em vista que a edição analisada foi a de sexta-feira, feriado, e que tem portanto a finalidade de servir como agenda cultural para o final de semana.

*Trata-se da “mensagem emitida”, ou da “mensagem recebida” por seus destinatários?* (BARROS, 1998, p.46). Há uma predominância de mensagens emitidas e produzidas especificamente pelos profissionais que trabalham no Metrópolis. As mensagens recebidas pela produção assumem o formato de notas simples, lidas no final do primeiro e segundo bloco do programa.

*Ou, ainda de uma “mensagem analisada” por um crítico, um intermediário, por “alguém de fora?” que, certamente, não está tão “de fora”* (BARROS, 1998, p.46). No caso do Metrópolis de 09 de julho, as mensagens foram preferencialmente analisadas pelos produtores, críticos, jornalistas e editores do próprio programa, apesar disto ter ficado implícito, sem a aparição dos mesmos. As mensagens foram lidas e interpretadas pela apresentadora Adriana Couto e pelo repórter Cunha Júnior que produziu uma das notas cobertas do programa.

A autora finaliza o artigo, fazendo suas as palavras de Laan Mendes de Barros (1998, p.50): “não há como tratar a problemática cultural de uma sociedade de consumo de maneira “atemporal”, “ahistórica”, não dá para pensar os problemas da comunicação de massa em sua globalidade se se opta por uma fragmentação do processo de comunicação e por uma análise prioritária do texto”.

Portanto, o Metrópolis pode e deve ser considerado um bom programa televisivo sobre Cultura, mas precisa buscar a temporalidade, a historicidade, a completude dos fatos culturais noticiados.

## **5. Referências bibliográficas**

BARROS, Laan Mendes de. Texto e Contexto: A presença do Estruturalismo nos Estudos de Recepção. In: **Nexos – Revista de Comunicação e Educação**, nº 2. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 1998, p.133-148.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da Cultura de Massa**. 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p.323-338.

CANAL FUTURA. Disponível em: <http://www.futura.org.br>. Acesso em 19.jul.2010.

CARMONA, Beth; FLORA, Marcos (org.) et al. **O desafio da TV pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade**. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

COELHO FILHO, Marco Antônio (supervisão geral). **Jornalismo público – Guia de princípios da TV Cultura**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2004.

eBAND – PORTAL ELETRÔNICO DA REDE BANDEIRANTES. Disponível em <http://www.band.com.br/entretenimento>. Acesso em 19.jul.2010.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GALVÃO, Walmes N.; GALVÃO, Waldimar N. (org.). **Cultura 20 anos – Fundação Padre Anchieta**. São Paulo: IMESP, 1989.

G1-PORTAL ELETRONICO DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO; Disponível em: <http://entretenimento.globo.com>. Acesso em 19.jul.2010.

LEAL FILHO, Laurindo. **Atrás das câmeras: relação entre cultura, Estado e televisão**. São Paulo: Summus, 1988.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Ed. 70, 1989, p. 13-25.

LIMA, Jorge da Cunha. **Uma história da TV Cultura**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Cultura: Fundação Padre Anchieta, 2008.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa**. Campinas: Educ, 1998.

MANHÃES, Eduardo. Análise de discurso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 11ªed. São Paulo: Cultrix, 2001. (O meio é a mensagem), p.21-37.

METRÓPOLIS – TV CULTURA. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/metropolis/sobre>. Acesso em: 19.jul.2010.

NUNES, Mônica de Fátima Rodrigues. **Cultura também é notícia: Jornalismo cultural no impresso e na tv**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, s/d, p.10-34.

R7 – PORTAL ELETRÔNICO DO REDE RECORD. A Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/>. Acesso em 19.jul.2010.

STARTE - GLOBO NEWS. Disponível em: <http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,JOR321-17665.00.html>. Aceso em 19.jul.2010.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

TV BRASIL. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/#programas>. Acesso em 19.jul.2010.  
TV CULTURA. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/arte-e-cultura>. Acesso em 19.jul.2010.